

Mano descobre
A LIBERDADE

Esta edição possui os mesmos textos ficcionais da edição anterior, publicada pela editora SENAC São Paulo.

Mano descobre a liberdade

© Heloisa Prieto e Gilberto Dimenstein, 2000

Gerente editorial Claudia Morales

Editor Fabricio Waltrick

Editora assistente Thaíse Costa Macêdo

Diagramadora Thatiana Kalas

Estagiária (texto) Raquel Nakasone

Assessoria técnica Dr. Paulo V. Bloise

Preparadora Lilian Jenkino

Coordenadora de revisão Ivany Picasso Batista

Revisoras Cátia de Almeida, Ivone P. B. Groenitz e Kátia Miaciro

Projeto gráfico Sílvia Ribeiro

Assistente de design Marilisa von Schmaedel

Coordenadora de arte Soraia Scarpa

Editoração eletrônica Iris Polachini

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P949m

4.ed.

Prieto, Heloisa, 1954-

Mano descobre a liberdade/Heloisa Prieto, Gilberto Dimenstein;

ilustrações Maria Eugênia. - 4.ed. - São Paulo : Ática, 2011.

48p. : il. - (Mano : cidadão-aprendiz)

ISBN 978-85-08-14792-2

I. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Dimenstein, Gilberto, 1956-. II. Eugênia, Maria, 1963-. III. Título. IV. Série.

11-3731.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 14792-2

Código da obra CL 738045

CAE: 264462 - AL

2018

4ª edição | 5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

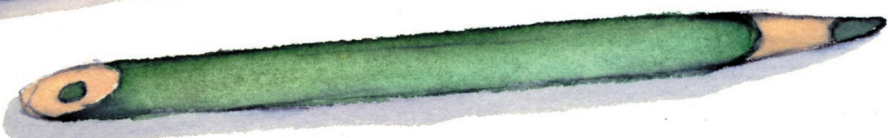
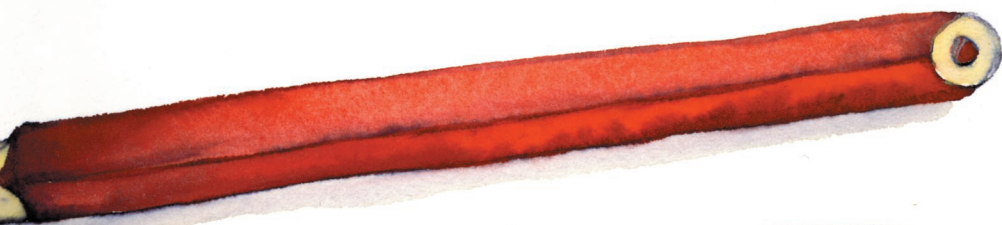


Mano descubra a liberdade

Heloisa Prieto
Gilberto Dimenstein

Ilustrações: Maria Eugênia





Domingo * 23 horas

Eu sempre achei ridículo esse negócio de escrever diário. Coisa de menina. Agendinha cor-de-rosa, desenho de coração, depois uma chave pra trancar os segredos.

Eu sempre achei segredo coisa de menina. Perda de tempo. Tipo quem gosta de quem, quem falou mal de quem, quem brigou com quem. No final, vira tudo fofoca porque uma sempre conta das outras e aí espalha que nem pólvora. E, no final mesmo, ficam amigas de novo. Rindo dos segredinhos. Cara, é palhaçada.

Até que um dia eu percebi que a vida é cheia de mistérios. Sabe como é? As aparências enganam, nada é o que parece ser, como diz minha tia-avó espanhola.

Bom, e quando eu descobri o maior de todos os segredos aqui, na minha própria casa, fiquei tão pirado que resolvi escrever. Fui pra tela do computador. De repente, me deu o maior medo. Aqui em casa todo mundo usa o mesmo computador. E se alguém lesse meus textos secretos? Ninguém desconfia que eu sei de tudo. Tudo do começo ao fim.

Resultado: lá fui eu, Hermano Santiago, mais conhecido como Mano, filho do meio da família mais doida da rua, comprar uma agenda de chavinha. Dei sorte. Encontrei uma agenda marrom, era bem cara, mas tinha



chave. Depois foi só descobrir um bom esconderijo. Porque aqui em casa, a Shirley, nossa empregada, é deus. Ou melhor, deusa. Ela sempre sabe de tudo. É a criatura mais esperta e danada que conheço. Difícil ter segredos com ela.

Bem, encontrei uma caixa de jogos de quando eu era bem pequeno, escondi lá o diário, a chave anda na minha carteira, ninguém vai mexer.

Mas espera, vou começar do começo.

Foi no domingo passado. A casa estava lotada de gente, pra variar. Minha mãe servia um lanche. Tinha amiguinhas da Natália, minha irmã caçula, falando que nem papagaio, amigas da minha mãe, contando problemas sem parar. É que minha mãe é psicóloga. Todo mundo pede conselhos pra ela.

De repente, toca a campainha. Chega a Fátima, a melhor amiga da minha mãe, a única que sabe ficar um pouco quieta. Eu gosto dela. Ela tem um olhar diferente. Parece que adivinha o que a gente está pensando. Bom, meu avô Hermano entra na sala. Olha com cara de bravo. Ele detesta agito. Senta na cadeira preferida. Abre o jornal e suspira irritado. Fátima o cumprimenta. O cara derrete. Maior sorriso do mundo. Cheguei perto dos dois. A conversa era completamente estranha.

- Como vai, Fátima - ele disse -, *ainda em busca do tempo perdido?*

- *E como vão as notícias da cidade, Hermano? A vila está ficando mais alegre?*



Entrei no meio do assunto.

- *Que tempo perdido é esse, Fátima?*

Ela riu e não respondeu nada. Típico.

- *Você já ouviu falar de **Proust**, meu neto?*

- *Eu não.*

- *Essa educação moderna... bem, Pimentinha (meu avô cisma de me chamar de **Gandhi** Pimentinha), Proust foi um dos maiores escritores de todos os tempos.*

- *Mano, querido, Proust escrevia sobre a memória. Na vida de uma pessoa há acontecimentos que marcam para sempre. Agora, responda rápido, Mano, quantos tempos existem?* - disse Fátima, os olhos dela brilhavam como se estivesse me chamando pra luta.

- *É fácil* - respondi. - *Passado, presente, futuro.*

- *Errado. Existe também o tempo da memória. Coisas que aconteceram há muito tempo, parecem que ocorreram ontem. Outras, a gente esquece num minuto.*

